

cedida à «invenção do corpo amoroso em Luisa Neto Jorge», cuja (des)construção poético-discursiva «passa pelo virar do avesso formas já feitas» (483) e sobremaneira estereótipos sobre o feminino, substituindo-lhe «formas complexas de ironia e de composição imaginativa» (483). Inscrita na própria escrita, a corporalidade é uma construção poética que demanda a substituição das lógicas mentais por práticas mais criativas, convidando a «ler e a ouvir a materialidade verbal: os sons e a grafia» (488-89).

Do conjunto da obra emerge assim um efeito de simultaneidade implícita que estabelece o texto crítico como eclético, determinando conexões de dialogismo e convergência. Um procedimento dinâmico que o autor aliás saúda, em movimento final – C –, na antologia «constelação» de Osvaldo Silvestre e Pedro Serra, *Século de Ouro*, que, mercê de uma organização *sui speciei* expõe o «corpus antológico como um continuum (de diálogos)» (538) permitindo a construção de «múltiplos percursos» (540). Tomando algumas distâncias em relação à expressão «tempos pós-históricos» e à noção algo intransitiva de historicidade que lhe subjaz, Manuel Gusmão postula a historicidade como «Transporte» e como «Travessia» da temporalidade em que se geram, se movem e nos tocam os textos literários, na finitude e na abertura que os legitima e sustenta, afinal, a «coalescência de vários tempos numa dada unidade de tempo» (546).

Pensar, através da dupla metáfora do palimpsesto e da tatuagem, o movimento perpétuo da poesia – e a linguagem, como a mais indelével e ressonante marca da sua *incerta chama* (9), é um gesto antropológico trans-histórico e uma bela amostra desse «tempo constelado» (546) pelo qual vivido e vivível se sobrepõem. «Em cortejo ardente».

Maria de Jesus Reis Cabral

CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS

ANNABELA RITA

Lisboa, Esfera do Caos, 2010

200 páginas, ISBN 978-989-680-012-3

As contingências do modo de produção do ensaísmo literário universitário implicam, com frequência, deambulações por uma grande variedade de objetos e territórios. Nestas deambulações os interesses de investigação e de ensino próprios cruzam-se com diversos tipos de solicitações alheias, que motivam imprevistas incursões noutros territórios e redirecionamento da atenção para outros objetos. Da dinâmica destas deambulações, planeadas e não planeadas, antecipadas e não antecipadas, previstas e imprevistas, acabam por resultar percursos críticos e intelectuais que só retrospectivamente se conseguem apreender. Muitas vezes, apenas justapondo e reordenando textos escritos em tempos e circunstâncias diversas se torna possível traçar as coordenadas que identificam as afini-

dades entre os objetos e entre os pontos de vista que os constroem, revelando as inflexões realizadas nessas deambulações. Quer isto dizer que há, neste mapeamento de um percurso através da ordenação de um conjunto de textos, pelo menos dois sentidos para o ato de cartografar: ele traça, ao mesmo tempo, um mapa de um território e um mapa da atenção que marca nesse território um determinado percurso. Digamos que a cartografia pode tornar-se auto-reflexiva, dando a ver-se a si própria como modo de construção do território que mapeia.

Esta parece ser, de resto, uma das características e das funções de uma parte dos livros de ensaio literário publicados todos os anos. Mais do que uma intervenção crítica integrada, cuja unidade conceptual coincida com a unidade discreta do objeto livro, estes livros são sobretudo coletâneas de artigos e de pequenos ensaios cuja unidade e justificação conceptual tem de ser construída retrospectivamente, por autores e leitores, a partir da justaposição e da ordenação que tomam numa publicação simultânea sob um mesmo título. As ligações que permitem cartografar o todo emergem mais da organização externa que lhes é dada, do que de uma unidade intrínseca criada pelas ligações entre temas, objetos e métodos de cada uma das partes, capítulos ou secções. Todavia, mesmo quando o todo não é mais do que a soma das partes, é sempre possível cartografar o cartógrafo, isto é, reconhecer o percurso

que as deambulações deixaram inscritas no território do mapa.

Em *Cartografias Literárias*, de Annabela Rita, são visíveis algumas das modalidades de produção de coerência bibliográfica a partir de um conjunto diversificado de estudos – que, neste caso, foram apresentados entre 2006 e 2009. Destaco duas dessas modalidades, manifestas na estrutura da primeira e da segunda partes, intituladas «Territórios» (pp. 31-122) e «Diários de Bordo» (pp. 123-198). No primeiro caso, as ligações são sugeridas através da exploração metafórica das relações entre *palavra* e *casa*, que diferenciam e relacionam entre si os cinco ensaios enquadrados nos três momentos de reflexão seguintes: «1. Da Casa da Palavra... 2. À Palavra da Casa... 3. À Palavra entre Casas». No segundo caso, as conexões são criadas através da associação entre exercícios de leitura e a forma do diário («Primeiro Diário», «Segundo Diário», «Terceiro Diário» e «Quarto Diário»), propondo leituras de quatro textos diferentes e, em simultâneo, o registo do modo e das hipóteses de cada leitura. Deste modo, acentua-se a codependência entre o objeto e a produção do objecto pela leitura, presentificando a subjetividade de quem lê no ato de escrever a leitura. O diário regista a navegação de cada dia, mas também as contingências da sua forma enquanto método de registo.

A construção da unidade do livro neste livro passa ainda por outras duas modalidades de produção de coerên-

cia bibliográfica, a um nível mais alto de generalidade. Estas modalidades tornam possível a integração das duas partes já referidas num todo maior, desejavelmente coincidente com o do próprio volume. A terceira modalidade realiza-se através de um ensaio introdutório, que explicita o método de leitura e as relações entre as partes. Isto é feito através de referências que voltam a surgir nos capítulos seguintes e através de uma breve articulação do seu programa de leitura. Este gesto introdutório de articulação tem lugar no texto intitulado «GPS para uma Cartografia Incerta» (pp. 9-30), que reitera o conceito de *cartografia* constante do título da obra e reforça a coerência metafórica através da qual o livro estabelece o enquadramento de leitura para os textos que contém.

A quarta modalidade de coesão bibliográfica implicou subordinar os textos de cada uma das partes a títulos que mantêm uma relação semântica entre si («Instrumentos de Orientação», para a introdução, «Territórios», para a primeira parte, e «Diário de Bordo», para a segunda) e que, por seu turno, se subsumem na metáfora mais geral da cartografia e da navegação. É justamente esta tentativa de articulação de ensaios, comunicações e artigos em direção ao horizonte do livro que torna observável o método de cartografar juntamente com o território constituído pelos autores e obras escolhidos. A recapitulação do percurso dos livros anteriores da autora (pp. 23-28),

que precede a apresentação dos textos incluídos neste volume (pp. 29-30), acentua o efeito de autocartografia do seu próprio percurso crítico. A metáfora da cartografia serve portanto o propósito de tentar unificar o percurso conceptual contido nestes textos e conferir coerência bibliográfica ao livro.

O que Annabela Rita propõe como método é uma espécie de deambulação por motivos e imagens literárias em que a análise dos processos de comunicação entre textos se combina com a produtividade subjetiva da memória do leitor: «seduz-me a imensa capacidade de sugestão e de inflexão de uma imagem e o modo como ela, condensando em si linhas de sentido do texto que a emoldura e a integra, potenciando-as, estimula uma *memória esquecida*, semi-dissolvida, ofelicamente submersa na do leitor, funcionando como *interruptor* de uma cadeia imaginária que expande o universo lido até ao infinito potencial» (p. 22, itálicos do original). A recorrência e a pregnância dos motivos, assim como a transformação e a metamorfose das imagens, são percorridas por meio de relações entre textos e através de modos afetivos de leitura, que tentam inscrever nos textos a forma particular de se sentirem interpelados.

Este procedimento é tornado graficamente visível nos diários de leitura de «Diários de Bordo», em que a leitura de quatro contos («José Matias», de Eça de Queirós, «Silêncio» e «Casa», de Sophia, e «Cidades», de Teolinda Gersão) nos é dada através da aproximação

conseguida por leituras sucessivas e pelas associações criadas em cada uma dessas leituras, que derivam sequencial e hipoteticamente das leituras anteriores. Pequenas interpolações em itálico marcam no texto a tentativa de reconstituir o processo de ler nos desdobramentos e ramificações das hipóteses geradas por protocolos e modos específicos de atenção: «*Primeiro dia. A primeira impressão é a de (um episódio de) uma história de amor vivida, perspectivada e narrada por ela.*» (p. 185, itálico no original); «*Segundo dia. Agora, a hipótese que se me coloca é a de que esta viagem evoque outras, toda uma tradição cuja dimensão estática legitimaria um lugar nessa museologia imaginária*» (p. 189, itálico no original); «*Terceiro dia. A possibilidade de que esta viagem cartográfica também o itinerário de uma sedução pela palavra...*» (p. 196, itálico no original).

Este processo de segmentação torna perceptível, até certo ponto, os mecanismos cognitivos e culturais da leitura, que tornam possível a passagem da camada semântica e narrativa da linguagem dos textos para inferências e cadeias discursivas mais vastas, de tipo histórico, simbólico ou alegórico. A codependência entre a codificação contida na escrita e a descodificação operada pela leitura torna-se palpável. As hipóteses e níveis de leitura abrem a potencialidade significativa dos contos à criatividade do ato de ler (na sua singularidade individual, mas também nos protocolos partilhados por métodos e

comunidades específicas), que desencadeia associações de grande complexidade. Estas associações mostram a relação dinâmica que se estabelece entre os signos escritos, as cadeias gerais de discurso e a memória singular de cada leitor. A espessura do seu repertório de referências e a sua capacidade especializada de *close reading* interagem com a topicalização e as inflexões originadas pela afetividade particular do seu modo de atenção.

No seu conjunto, *Cartografias Literárias* contém um conjunto de ensaios de análise literária e de pedagogia da leitura especialmente úteis para o ensino da literatura portuguesa. Abordagens panorâmicas e introdutórias (por exemplo, «Da Literatura Portuguesa Contemporânea», pp. 33-55, e «Da Poesia Portuguesa Contemporânea», pp. 57-73) combinam-se com uma análise detalhada de certas imagens e motivos, como é o caso dos tópicos da identidade («Entre o *Eu* e o *Outro*», pp. 75-89), da Europa na literatura portuguesa («Reconfigurações da Europa na Cultura Portuguesa do Romantismo ao início do século XX», pp. 90-101) e do jardim («Jardins da Literatura», pp. 102-121). Embora o conjunto de textos reunidos não chegue a ganhar a coerência interna de um livro e continue a ser sobretudo uma coletânea, *Cartografias Literárias* oferece um conjunto de itinerários de leitura didaticamente valiosos.

Manuel Portela